

Imaturidade democrática?

A bússola eleitoral demonstra não indicar o caminho do bem comum, pois o egoísmo está na base das escolhas feitas por considerável parcela da população, que, embora privilegiada pela democracia, consegue ver apenas o seu interesse, sobretudo o financeiro, cuja variação se dá conforme o modelo da política econômica adotada (“a mão visível do Estado”, por exemplo). Mais: sequer é capaz de lançar os olhos à frente e projetar o futuro, fruto do desespero imediatista que impede qualquer planejamento que valorize o amanhã. Quantos se preocupam com a qualidade da educação a ser conquistada no porvir, compreendendo claramente que tal projeto tem seu início no aqui e agora? Quem se inquieta pelo desenvolvimento de tantas crianças que não os próprios filhos?

Desde a Grécia Clássica, em Atenas, é antigo o questionamento sobre a democracia, no qual se propunha a seguinte reflexão: sendo os negócios de Estado tão importantes e difíceis de lidar, que razões levam muitos a deixá-lo à mercê da sorte através dos votos, que podem tanto eleger alguém competente quanto incapaz? Por que não se segue a rotina comum relacionada à escolha segura de um médico de confiança quando se adoecer, ou de um experiente navegador para se empreender uma viagem marítima? Ou ninguém dá a mínima para tais opções? Não é fácil, e tampouco simples, alcançar a necessária sabedoria que acolha as necessidades pessoais e alheias, notadamente na hora de votar, ao desconsiderar os efeitos das escolhas sobre muitos e não apenas sobre si mesmo. Imaturidade democrática? Como não estranhar o modelo de democracia que teima em não se desprender das fraldas do descaso? Não está na hora de estender a nossa preocupação política aos demais de convívio? Será que não vale a pena cobrar mais de si mesmo em relação à necessária reflexão sobre as escolhas nas eleições, avaliando cada candidato, além de carregar no peito o desejo de eleger quem lute pelo desenvolvimento e evolução de muitos? Não deve o eleitor fiscalizar se o político eleito democraticamente cumpre os projetos propostos ao longo do seu mandato?

Será possível chegar à grandiosa estatura do bem comum sem se despojar, em parte, do egoísmo, que impede a manifestação da democracia altruísta? Como elevar o cidadão à liberdade, igualdade e fraternidade com base na imaturidade democrática? A história já provou que as pessoas alegrem-se em perceber que um bem maior lhes inspira o desejo de persegui-lo, levando-as ao empenho altruísta e à conseqüente união, mudando regimes até então estabelecidos. Reis e práticas autoritárias tiveram os dias contados diante de mudanças políticas percebidas favoravelmente, em cujo bojo havia valores fundamentais capazes de encaminhar o ser humano à progressão pessoal e comunitária. ■



Armando Correa de S. Neto
Psicólogo, professor e mestre
em Liderança
selfcursos@uol.com.br